



# Práticas de Letramento de Mães de Crianças de Educação Infantil

## Literacy Practices of Children's Mothers in Early Childhood Education

## Las Prácticas de "Letramiento" de las Madres de Niños de Jardim de Infantes

*Glícia Ribeiro de Oliveira\**

*Caroline Lopes Barbosa\**

*Nadir da Glória Haguiera-Cervellini\*\**

### Resumo

**Objetivo:** analisar e compreender semelhanças e diferenças de práticas de letramento de mães de crianças de Educação Infantil de escola pública e privada, bem como a importância do papel da mãe no contato do filho com a leitura/escrita. **Método:** Utilizou-se entrevista semi-dirigida sobre práticas de letramento de cinco mães de crianças de Educação Infantil de uma escola pública e cinco de Educação Infantil de uma escola privada e a sua relação com a leitura/escrita. Os dados coletados foram categorizados por meio da Análise de Conteúdo e, comparados entre a escola pública e privada. **Resultados:** A partir da categorização e comparação do conteúdo foram constatadas semelhanças e diferenças entre as mães entrevistadas da escola pública e privada. Destaca-se a similaridade entre todas as mães entrevistadas ao valorizarem a leitura/escrita e ao exporem a vontade de incentivar tais práticas aos seus filhos, porém se diferem quando algumas mães mencionam a ausência do incentivo à leitura/escrita, além de atribuírem a responsabilidade à escola, tendo-a como agente transformador e favorecedor do interesse das crianças por essas práticas. **Conclusão:** Pondera-se, que todas as entrevistadas reconheceram a importância da leitura e escrita para a vida, considerando-as fundamentais para a existência no mundo letrado, assim como um fator de ascensão social, e de grande valor para as relações sociais. Os resultados podem servir de indicadores para novos estudos e de apoio à propostas de assessoria fonoaudiológica à instituições educacionais de Educação Infantil.

**Palavras-chave:** Fonoaudiologia; educação infantil; mães; leitura; linguagem  
**Abstract**

\*Doutoranda no Programa de Estudos Pós Graduated em Fonoaudiologia da Pontifícia Universidade de São Paulo - Brasil.

\*\*Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade de São Paulo - Brasil, Professora Associada da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade de São Paulo - Brasil.

**Conflito de interesses:** Não

**Contribuição dos autores:** GRO - responsável pela coleta de dados, delineamento da pesquisa e construção do texto; CLB - responsável pela coleta de dados, delineamento da pesquisa e construção do texto; NGHC - orientadora e responsável pelo delineamento da pesquisa e correção do texto.

**Endereço para correspondência:** Glícia Ribeiro de Oliveira  
Rua Fábria, 800, 192B, Vila Romana, São Paulo SP, Brasil.CEP 05051-030.

**E-mail:** [glícia-rana@hotmail.com](mailto:glícia-rana@hotmail.com)

**Recebido:** 31/12/2014 **Aprovado:** 26/05/2015



**Purpose:** to analyze and to understand the similarities and differences in literacy practices of children's mothers in Early Childhood Education in both public and private schools, as well as the importance of the mother's role in her child's reading/writing. **Method:** We conducted a semi-structured interview about the literacy practices of five mothers of kids in early childhood education in public schools and five mothers of kids in early childhood education in private schools, and their approach to reading/writing. All data collected were categorized using Content Analysis, and the data obtained from public and private schools were compared. **Results:** Based on this analysis, it was found that all mothers interviewed place a high value on reading/writing, and are willing to encourage their children to practice these skills. On the other hand, some respondents mentioned the lack of reading and writing incentives and placed responsibility for these practices on the school, which supposedly acts as a catalyst in raising children's interest in such practices. **Conclusion:** it is noteworthy that all interviewees recognized the importance of reading and writing to people's lives, and considered them essential to the literate world, as well as a factor that influences social mobility and that plays an important role in social relations. The results can be used as indicators for new research projects and may be useful in providing assistance in Speech Language Pathology and Audiology to educational institutions.

**Keywords:** Speech Language Pathology and Audiology; early childhood education; mothers; reading; language.

### Resumen

**Objetivo:** analizar y comprender semejanzas y diferencias de prácticas de alfabetización/letramento de madres de niños de educación infantil de la escuela pública y privada, así como la importancia del papel de la madre en el contacto del niño con la lectura/escritura. **Método:** Se usó la entrevista semi dirigida sobre las prácticas de alfabetización/letramento de cinco madres de escuela pública y cinco de escuela privada y su relación con la lectura/escritura. Los datos recogidos se clasificaron mediante el Análisis de Contenido y se compararon entre las escuelas públicas y privadas. **Resultados:** A partir de la categorización y comparación de contenido fueron encontrados entre las madres entrevistadas de las escuelas pública y privada similitudes y diferencias de contenido. Existe la similitud entre todas las madres entrevistadas para valorar la lectura/escritura y exponer el deseo de fomentar este tipo de práctica a sus hijos, pero difieren cuando algunas madres mencionan ausencia en el fomento de la lectura/escritura, y designan responsabilidad a la escuela, tomándola como un agente transformador de los intereses de los niños por estas prácticas. **Conclusión:** Se considera, que todas las entrevistadas reconocieron la importancia de la lectura y escritura para la vida, considerándolas fundamentales para la existencia en el mundo letrado, así como un factor de ascensión social, y de gran valor para las relaciones sociales. Los resultados pueden servir de indicadores para nuevos proyectos de pesquisa y de asesoría fonoaudiológica a las instituciones educacionales.

**Palabras clave:** Fonoaudiología; crianza del niño; madres; lectura; lenguaje

### Introdução

Ao se utilizar o conceito de letramento faz-se necessário pensar no processo social do uso da língua escrita e suas multivariações, que ao longo dos anos têm avançado em decorrência de pesquisas científicas em Educação, Linguística Aplicada e Fonoaudiologia.

Letramento é um conceito atual, pesquisado recentemente por autoras incontestáveis no assunto<sup>1-5</sup>. No entanto, há de se destacar os estudos precursores de Paulo Freire<sup>6-8</sup> que já trabalhava com o conceito de Alfabetização, como prática social capaz de transformar vidas, embora não anunciasse em toda a sua obra a palavra e o conceito do que hoje se denomina letramento.

A respeito do conceito letramento, elucidam-se:

Na impossibilidade de determinar que a palavra alfabetização passe a significar não apenas a aprendizagem do sistema alfabético, mas também a aprendizagem dos usos sociais e culturais desse sistema, é que a “invenção” da palavra letramento tornou-se necessária<sup>5,7</sup>.

Nesse sentido, há dificuldade de se conceituar a palavra letramento; consegue-se explicá-la, no entanto não é tarefa simples definir o termo adequadamente.

Sendo assim, Tfouni define o letramento, como prática social:

(...) É enxergá-lo como um processo sócio-histórico que estuda, num mesmo conjunto, tanto aqueles que são alfabetizados com variados graus de domínio da escrita, quanto os não-alfabetizados. As práticas sociais da escrita dentro da sociedade têm maior eficácia quanto maior for o grau de letramento do indivíduo e, para dar conta desses graus, Tfouni desenvolveu a proposta de um continuum, uma linha imaginária onde estariam as várias posições discursivas disponíveis em uma sociedade letrada.<sup>3:176</sup>

Letramento não se refere apenas à leitura e à escrita, isoladamente, mas também à capacidade, habilidade e à função social que envolve uma pessoa (esfera individual) e social (na dimensão do coletivo). Ser alfabetizado não garante que a pessoa tenha práticas de letramento. Tal afirmação torna-se clara quando se pesquisa a respeito do alfabetismo funcional. Segundo o Indicador de Alfabetismo Funcional INAF<sup>9</sup> é possível perceber melhorias nos níveis de alfabetismo da população. Tais melhorias correspondem à ampliação do acesso à escolarização, mas não na medida desejável.

No país, especialistas em Linguística Aplicada, e em Educação têm levantado questões semelhantes, relacionadas à problemática das implicações e conflitos da aquisição da leitura e escrita em grupos sociais, através do viés dos estudos do Letramento, que idealizam as práticas de uso da escrita como essencialmente plurais. Nessa direção, diferentes grupos sociais têm variadas maneiras de letramentos, tendo a escrita tanto resultados qualitativos sobre os indivíduos, quanto são as probabilidades e papéis que aquela adota para estes em conjuntos sociais motivados. O letramento é compreendido como arcabouço de práticas discursivas, como diferentes maneiras de utilizar a língua e atribuir significado à fala - “influenciada pela língua escrita própria dos grupos letrados - como a escrita.”<sup>10:182</sup>

Para Kleiman e Vóvio:

“Tais práticas discursivas estão integralmente conectadas às

identidades das pessoas que as realizam; uma mudança nessas práticas resulta em mudanças identitárias, porque corresponde a transformações nas formas de interação e modelos de ação.”<sup>10:182</sup>

O letramento, portanto, é um processo contínuo; constitui-se pelo modo como a pessoa se relaciona com a escrita, pois, diariamente, novas práticas de letramento vão sendo adicionadas à vida do sujeito enriquecendo a construção de sua aprendizagem.

Para Freire<sup>6-8</sup>, a prática de alfabetização de adultos é considerada libertadora, à medida que possibilita ao educando uma consciência crítica. É importante acrescentar que o ato de ler e a formação na alfabetização de adultos, primordialmente, é um ato político, um ato de conhecimento, pois desenvolve no leitor e educando uma consciência crítica do mundo e sua realidade; a leitura recria sentidos, desperta para o pensamento crítico e maduro<sup>7</sup>.

Freire<sup>7:24</sup> referenciou suas próprias experiências iniciais com a leitura e escrita, ao citar sua alfabetização em casa, no Recife, com gravetos e galhos no quintal, os momentos significativos da “leitura do mundo” e a leitura da “palavramundo”. Pode-se evidenciar que há muito em comum entre os conceitos de letramento e alfabetização, pois a alfabetização não é um processo meramente mecânico, mas permite ao sujeito possibilidades de ingressar na sociedade de maneira formativa e revolucionária.

Santos e Ifa abordam a definição de letramento crítico (LC), isto é:

“Está fundamentada na teoria da crítica social, nos estudos de Paulo Freire e, mais recentemente, nas teorias pós-estruturalistas, e está associada à ideia de “empoderamento” do sujeito para que ele possa, através da linguagem, atuar nas diferentes práticas sociais, de modo a posicionar-se enquanto sujeito crítico e provocar mudanças se assim desejar”.<sup>10:5</sup>

É importante destacar a nova realidade da educação: o Ministério da Educação determinou que o antigo último estágio da Educação Infantil fosse

obrigatório e integrante do Ensino Fundamental. Passa a ser denominado de 1º ano, compondo o Ensino Fundamental agora com nove anos de duração. Os documentos norteadores de orientações gerais, do Departamento de Educação Infantil e Ensino Fundamental, justificam os nove anos de duração da Ensino Fundamental<sup>11</sup>:

Conforme o PNE, a determinação legal (Lei nº 10.172/2001, meta 2 do Ensino Fundamental) de implantar progressivamente o Ensino Fundamental de nove anos, pela inclusão das crianças de seis anos de idade, tem duas intenções: oferecer maiores oportunidades de aprendizagem no período da escolarização obrigatória e assegurar que, ingressando mais cedo no sistema de ensino, as crianças prossigam nos estudos, alcançando maior nível de escolaridade<sup>11:14</sup>.

Considera-se de extrema importância a maneira como se oferecem as práticas de letramento à criança. Essa relação estabelecida nas atividades diárias familiares envolvendo a leitura e a escrita traz à criança marcas de prazer às práticas de letramento e desperta sua vontade de buscar cada vez mais novas possibilidades para ler e escrever: diários, músicas, cartas, entre outros. A partir disso, a leitura e escrita se configuram como imprescindíveis para dar conta das demandas sociais em que a criança está inserida, marcando esse processo como forma de comunicação entre os indivíduos, para além da oralidade. Privilegiar o contar histórias é uma valiosa estratégia para o desenvolvimento do gosto pela leitura e para a aquisição da habilidade de ler e escrever. Ouvir uma história de um livro é uma maneira de se adquirir novos conhecimentos. Devem ser considerados variados gêneros de textos de leitura e escrita utilizados pelo adulto no contato com as crianças na Educação Infantil. Como se pôde observar nesta pesquisa, todas as entrevistadas utilizavam textos informativos, que eram lidos na busca de conhecimentos – revistas e jornais. Esses materiais escritos eram oferecidos às crianças de Educação Infantil (em processo de aquisição de conhecimentos gerais e habilidades comunicativas). Considera-se que ao identificar o objetivo de cada gênero, a criança “pequena leitora”

reconhece o modo específico de ler e de escrever cada gênero. Segundo Soares (2009, p. 9)<sup>5</sup>:

Do mesmo modo, atividades de letramento com a escrita podem e devem ter presença frequente na educação infantil. A todo momento, surgem oportunidades de registrar algo como apoio à memória, de ditar para o adulto uma carta que se quer enviar a alguém, de construir um cartaz sobre um trabalho desenvolvido. Enfim, são inúmeras as situações que podem ser aproveitadas para que as crianças percebam a função da escrita para fins diversos e a utilizem em práticas de interação social.

Vygotsky, Luria e Leontiev<sup>12</sup> consideram que a escrita deve ter significado para as crianças e ser incorporada como uma tarefa necessária e relevante para a vida. Nessa direção, as práticas de letramento podem favorecer-lhe o adentrar ao mundo do conhecimento da leitura e da escrita, ao considerar que a alfabetização não se dá apenas ao ingressar na escola, mas pode acontecer previamente no contexto em que a criança vive. Há de se pensar no prazer que é para ela descobrir o quanto isso a potencializa enquanto sujeito de seu próprio conhecimento.

Não vale esvaziar a criança daquilo que constitui sua realidade e preenchê-la com novos conhecimentos e novas realidades. Às vezes, isso afasta a criança da própria escola e das práticas de letramento. Para tanto, o adulto precisa resgatar o sentido da escrita, possibilitar à criança que ela seja autora da construção de sua própria subjetividade e aprendizagem, acreditando, juntamente com Paulo Freire<sup>8:63</sup> que, “ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.

Sabe-se que a autonomia não vem de um dia para o outro, demanda tempo para ser construída, mas “se a educação não pode tudo, alguma coisa fundamental a educação pode”<sup>6</sup>. Há de se incluir as práticas de letramento na existência do educando, visto que estas irão provocar mudanças nas suas práticas sociais, políticas e pessoais. Assim, acredita-se que o percurso inicial da criança com práticas de letramento tem início na primeira instituição social à qual pertence, a família, mais

precisamente entre a mãe e a criança. Entretanto, esse trajeto se estende para o ingresso à escola. É necessário resgatar o que foi promovido e, se nas primeiras relações parentais pouco se construiu, a escola, mais precisamente, o educador, com persistência pode significar e ressignificar as práticas de leitura e escrita.

Acresce-se a isso a relevância de estudos que apontam para as questões das relações intrafamiliares, lócus onde as práticas de letramento acontecem. Desse modo, cabe considerar os resultados de pesquisa desenvolvida por Braz et al<sup>13</sup> que teve como tema de estudo as interrelações das relações parentais e maritais de famílias de classes média e baixa para a compreensão do desenvolvimento e ajustamento social de crianças e a descrição dos aspectos da qualidade dessas relações. Foi elaborado um questionário respondido pelas mães, sobre dados sócio-demográficos, estrutura familiar e modos de vida, além de uma entrevista semiestruturada, conduzida com mães e pais, separadamente, incluindo questões sobre satisfação marital, conflito, coalizão, valores e crenças sobre casamento e educação de filhos e suas influências nas interações genitores-criança. Os resultados indicaram que uma boa relação marital favorece o compartilhamento de práticas de educação entre maridos e esposas e promove o desenvolvimento de sentimentos de segurança em suas crianças. Os dados foram discutidos em termos das influências mútuas entre as relações maritais e parentais, levando em consideração as similaridades e as diferenças entre as famílias de classes média e baixa<sup>13</sup>.

A pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (2012)<sup>14</sup>, em sua terceira edição, é tida como o mais abrangente estudo sobre o comportamento do brasileiro em relação à leitura. Além de analisar indicadores que permitam orientar programas e projetos de inclusão cultural da população brasileira, identifica fatores que levem à leitura e promovam o acesso ao livro em grande escala. Divulgada pelo Instituto Pró-Livro, a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* serve como um instrumento importantíssimo de avaliação das atuais políticas públicas voltadas à educação e à leitura. Os resultados ponderam os pontos positivos e aqueles que ainda carecem de atenção na área. Tal trabalho serviu de apoio a este estudo, uma vez que explicita a oportunidade ímpar de se refletir sobre o que cada um está fazendo e pode fazer em prol da leitura no Brasil, seja dentro de casa, de escolas, etc.

Seguindo a importância de citar pesquisas tão relevantes como a *Retratos da Leitura no Brasil*, tornam-se indispensáveis dados do mais atual censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>15</sup> que, a partir do que é apresentado, abrem a possibilidade aos Governos de fazerem planejamentos de médio e longo prazo para o país, a fim de melhorar a qualidade de vida, renda, habitação e todos os fatores que permeiam a vida de um cidadão.

Nesta direção, este estudo teve como objetivo analisar as práticas de letramento realizadas por mães de crianças de educação infantil que frequentam escola pública e escola privada, apontando e buscando compreender semelhanças e diferenças dessas duas realidades, bem como a presença e a importância do papel da mãe no fomento às práticas de letramento.

## Material e Método

A pesquisa foi aprovada seguindo as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, do Conselho Nacional de Saúde, resolução 196/96 (Ministério da Saúde, 2013) sob parecer 208/07. Trata-se de uma pesquisa quanti/qualitativa, cujos dados foram coletados em uma escola pública e em uma escola privada, na Zona Oeste da cidade de São Paulo.

Foram entrevistadas dez mães de crianças que frequentavam Educação Infantil, sendo cinco de escola privada e cinco de escola pública. O critério de inclusão das entrevistadas foi de ter um filho matriculado na Educação Infantil, e que se dispusessem a participar da pesquisa. As mães foram abordadas pelas pesquisadoras ao buscarem seus filhos ao final da aula. Ao concordarem em participar da pesquisa, os objetivos e procedimentos foram explanados e, assim que colhidas as assinaturas do termo de consentimento livre e esclarecido, este foi entregue em cópia a cada uma delas.

Utilizou-se a entrevista semidirigida como procedimento para o levantamento de dados. As entrevistas foram gravadas e transcritas com a anuência das mães. Foi elaborado um questionário para coleta de dados, a partir de um levantamento bibliográfico<sup>16,17</sup>. Neste questionário, com o objetivo de traçar um perfil da população pesquisada, foram contempladas as questões que constam no Anexo 1.

Após cuidadosas leituras e releituras das entrevistas transcritas, as respostas foram analisadas e categorizadas, segundo Bardin<sup>18</sup>. As categorias encontradas foram:

- 1 - Composição familiar e Faixa Etária das mães entrevistadas;
- 2 - Profissão e Grau de escolaridade;
- 3 - Hábito de leitura;
- 4 - Hábito de Escrita;
- 5 - Uso da Leitura e Escrita no trabalho;
- 6 - Materiais de Leitura e Escrita em Casa (Gêneros);
- 7 - Hábito de contação de histórias para o filho, os tipos de histórias e a frequência com que isso ocorre;
- 8 - Valor da leitura e da escrita e o contato do filho com a mesma;
- 9 - Interesse do Filho pela Leitura e pela Escrita;
- 10 - Formas de Incentivo à Leitura e à Escrita.

Após a categorização dos conteúdos, passou-se ao cruzamento dos dados encontrados na escola pública e na escola privada. Buscou-se melhor compreender as similaridades e diferenças entre as práticas de letramento das entrevistadas, e a influência do papel dessas mães nas práticas de letramento junto a seus filhos.

## Resultados

A análise de conteúdo permitiu reunir maior número de informações, visando à organização da transcrição das entrevistas em quadros analíticos para dar visibilidade aos conteúdos, sem perder a totalidade do discurso. A análise e cruzamento dos dados levantados evidenciaram:

**Categoria I – Composição Familiar e Faixa Etária das entrevistadas** - Parte-se do pressuposto de que as relações que se estabelecem no cotidiano familiar, a constituição da família, bem como a faixa etária e o gênero dos seus integrantes, e as práticas letradas adotadas podem indicar diferentes tipos de leitura e escrita, devido às diferenças de interesses. Os dados encontrados na escola pública tiveram a variante entre 20 e 50 anos, e, na escola privada, entre 21 e 37 anos, apresentando a média relativa de 30,8 anos.

Em relação à composição familiar, os dados encontrados demonstraram que na escola pública

houve maior incidência de mães casadas, que residiam com seus companheiros - quatro entrevistadas. Das cinco entrevistadas, apenas uma delas, morava com sua mãe, irmão e filho.

Já na escola privada, a realidade de composição familiar foi diferente. Uma das cinco entrevistadas era casada e morava com seu marido. Quatro entrevistadas eram mães solteiras; uma delas morava apenas com seus filhos, as outras três entrevistadas viviam com suas mães, irmãos e filhos.

Enquanto as entrevistadas da escola pública tendiam a valorizar mais a constituição de uma família e a qualidade de vida como fatores preponderantes de um casamento, as entrevistadas da escola privada tendiam a valorizar, primeiramente, aspectos relativos à relação afetiva, demonstrando absorver mais as novas tendências a respeito do conceito de família e casamento<sup>13</sup>.

**Categoria II – Profissão e Grau de Escolaridade** – as profissões variaram entre todas as entrevistadas na escola pública: - uma professora de Educação Infantil; uma auxiliar de produção; uma auxiliar administrativa; uma empregada doméstica e uma merendeira escolar.

Na escola privada houve predominância de profissão: três professoras de Educação Infantil; uma auxiliar de serviços gerais e uma estagiária/estudante do último ano de Designer de Interiores.

A similaridade encontrada nessa categoria é o fato de que todas as entrevistadas possuíam vínculo empregatício, e tal constatação remete às novas tendências da sociedade contemporânea, pois no Brasil 38% de toda a mão-de-obra é feminina, conforme dados do IBGE, Censo de 2010.

Os dados apresentados sobre o grau de escolaridade das mães da escola pública foram: - ensino superior completo (duas); ensino médio completo (duas); ensino fundamental incompleto (uma). Na escola privada: - ensino superior completo (três); cursando o ensino superior (uma); ensino fundamental incompleto (uma).

Na escola privada, a maioria das entrevistadas apresentava a formação em nível superior. No entanto, a única entrevistada que apresentou ensino fundamental incompleto destoava do perfil apresentado da população dessa escola, pois, como já mencionado anteriormente, seu filho estava nessa escola em função de seu vínculo empregatício com a escola (auxiliar de serviços gerais). De acordo com os dados coletados, as três entrevistadas que

possuíam nível superior completo eram professoras formadas em Pedagogia, e uma delas ainda havia cursado Psicologia, como segunda formação.

Vale ressaltar que na escola pública, a mãe que possuía o ensino fundamental incompleto apresentava práticas de letramento que consistiam na leitura de livros infantis para os filhos, escrita de bilhetes e listas de supermercado, além de ler jornal e a bíblia e fazer caça-palavras.

Em consonância com essa visão, os estudos de Letramento no campo da Linguística Aplicada focalizavam, no final da década passada, as qualidades da utilização da leitura e da escrita de comunidades não escolarizadas, tentando entender como estas interagem em grupos urbanos, altamente desenvolvidos em tecnologia, e penetrados pela escrita. Nesse sentido, muito instantaneamente, foram abordados trabalhos de elevado cunho social, focalizando as práticas de letramento de comunidades específicas que não sabiam ler e escrever<sup>11:183</sup>.

**Categoria III – Hábito de Leitura** – evidenciou, na escola pública, que quatro entrevistadas tinham o hábito de leitura; duas delas disseram ser diariamente; duas mensalmente e somente uma dizia não ter o hábito de leitura.

Na escola privada, quatro entrevistadas referiram o hábito de ler; duas, diariamente e, uma, mensalmente, geralmente em casa e no trabalho. Uma entrevistada relatou não gostar, sendo raro ler um livro, embora considerasse que o contato com a leitura fosse diário no trabalho.

Notam-se similaridades no hábito de leitura das entrevistadas, pois tanto na escola pública, quanto na escola privada, elas apresentavam práticas de letramento. Nesse sentido, atualmente é impossível estar inserido em uma sociedade letrada contemporânea sem o mínimo acesso à leitura e à escrita. Isto, porque é remota a possibilidade de pessoas possuírem um grau zero de letramento.

Soares sinaliza a importância da criança se familiarizar com a materialidade do texto, e o hábito de leitura é a maneira pela qual a mãe, ou quem faz essa função pode viabilizar com a criança esse contato. A atividade de leitura de histórias permite a criança:

Conhecer o objeto livro ou revista, descobrir que as marcas na página - sequências de letras - escondem significados, que textos é que são “para ler”, não as ilustrações,

que as páginas são folheadas da direita para a esquerda, que os textos são lidos da esquerda para a direita e de cima para baixo, que os livros têm autor, ilustrador, editor, têm capa, lombada... Por outro lado, a leitura de histórias é uma atividade que enriquece o vocabulário da criança e proporciona o desenvolvimento de habilidades de compreensão de textos escritos, de inferência, de avaliação e de estabelecimento de relações entre fatos. Tais habilidades serão transferidas posteriormente para a leitura independente, quando a criança tornar-se apta a realizá-la<sup>4:8</sup>.

Entende-se que a leitura de histórias para crianças, é imprescindível como atividade e recurso estratégico de letramento durante toda a Educação Infantil. Acredita-se que, corretamente conduzida, a leitura de histórias produz na criança sua precoce inserção no universo da escrita.

A média de livros lidos por habitante no Brasil é de duas obras completas por ano, além de outras duas lidas parcialmente, número que inclui os livros obrigatórios requisitados em sala de aula. Ainda que, segundo a pesquisa, o consumo de livros tenha aumentado, metade da população brasileira não tem o hábito da leitura, número maior do que o observado na última edição da pesquisa, publicada em 2008<sup>14</sup>.

**Categoria IV - Hábito e Gêneros de Escrita** - evidenciou a presença ou ausência do hábito de escrita. O questionário disponibilizou às entrevistadas algumas opções de gêneros de escrita, tais como: carta, bilhete, receitas, *e-mail*, histórias, listas de compras, diário, dentre outros. Os dados coletados apontaram que todas as entrevistadas da escola pública e da escola privada apresentaram hábito de escrita.

Na escola pública, os gêneros de escrita apresentados pelas entrevistadas foram: lista de compras e escrita constante de bilhetes (quatro); escrita de *e-mails*, cartas e receitas (três). Uma entrevistada (professora de Educação Infantil) referiu escrever comunicados para os pais e histórias com frequência. Outra entrevistada ressaltou o hábito de escrever em caça-palavras.

Na escola privada, o hábito de escrever *e-mails* foi o mais citado pelas entrevistadas (quatro); receita e lista de compras (três); destacaram cartas, bilhetes, diário, diário escolar e histórias (duas) e uma entrevistada afirmou a escrita como *hobby*.

A similaridade apresentada entre as duas realidades das entrevistadas foi a escrita de e-mails, o que é justificado pela revolução tecnológica do século XX, e pelo advento da internet que vem atingindo todas as classes sociais. Mesmo as classes menos favorecidas vêm tendo acesso à internet, e-mail pessoal e possibilidade de frequentar postos de informática. Tal advento, considerado como letramento digital, é definido por pesquisadores da área, como modo pelo qual o indivíduo utiliza a tecnologia digital, mídias, ferramentas e redes de comunicação para acessar, gerenciar, incorporar e adicionar ideias visando a gerar uma sociedade de conhecimento<sup>19,20,21</sup>.

A pergunta que se faz, então, é: qual é a própria relação da mãe com a leitura e escrita? Os dados da Pesquisa sobre o Retratos da Leitura no Brasil desenham um quadro pouco promissor nesse sentido e podem indicar como é essa relação: 9% da população estudada não sabem ler, 30% não gostam de ler e 37% gostam pouco. Apenas 25% dos entrevistados alegaram gostar muito de ler. Esse quadro pode ser um espelho do que se encontrou nessa categoria<sup>14</sup>.

**A Categoria V – Uso da Leitura e da Escrita no trabalho** pautados no conceito de que nas sociedades letradas cada vez mais as profissões e áreas de trabalho requerem práticas letradas, algumas mais refinadas, e outras menos. Nessa direção, foi constatado que todas as entrevistadas da escola pública usavam a leitura no trabalho. Sobre a frequência: quatro entrevistadas da escola pública utilizavam; apenas uma entrevistada alegou não utilizar.

Na escola privada, quatro mencionaram alto nível de exigência e uma referiu que seu trabalho não exige a leitura. Duas entrevistadas relacionaram a leitura de livros pedagógicos para atualização de conhecimentos, uma relacionou às atividades do trabalho e outra disse não estabelecer relação entre a leitura e o trabalho. Vale ressaltar, que uma entrevistada ficou receosa ao responder a questão dizendo, inicialmente, não. Porém, reconsiderou afirmando escrever recados das ligações telefônicas para a “patroa” e bilhetes em casa. Uma entrevistada da escola privada disse não utilizar a escrita no

trabalho, três entrevistadas utilizavam e uma delas considerou que produzia mais expressões gráficas, devido sua profissão na área de Arquitetura.

Na escola privada, para algumas entrevistadas foi bem simples definir se utilizavam a leitura e a escrita no trabalho e sua função no âmbito profissional. No entanto, na escola pública as entrevistadas que trabalhavam como: empregada doméstica, merendeira escolar, auxiliar de produção e de serviços gerais; apresentaram dificuldade em reconhecer e legitimar a prática da leitura e escrita no trabalho. Talvez, isso se deva pelas atividades diárias dessas profissionais exigirem práticas escritas de menor refinamento, por exemplo, uma entrevistada que trabalhava como merendeira escolar, diariamente montava uma tabela com o prato do dia e os ingredientes necessários; também realizava o balanço semanal da despensa escolar. Esta, só referendou tal prática de escrita, a partir do questionamento das pesquisadoras.

Em entrevista consultada de um economista que para chegar a uma divisão de classes sociais utilizou uma metodologia estatística que coloca linhas de cortes entre grupos que sejam os mais homogêneos possíveis entre si, e os mais diferentes possíveis dos demais grupos. Dessa forma, a população foi dividida em três grupos: E/D, C, e B/A. Em seguida, os grupos da base e do topo em dois, estabelecendo as tradicionais cinco classes: E, D, C, B e A. O economista pontua que um dos grandes símbolos da ascensão da classe C é justamente a carteira de trabalho assinada e o emprego formal, emblemáticos do “andar com as próprias pernas”. Outro sinal, na mesma direção, foi a grande ampliação da educação profissional, que ainda é, para boa parte da classe C, uma alternativa mais viável do que o ensino superior. “A nova classe média está trocando pneu com o carro andando, ela trabalha, faz curso à noite, se vira – isso mostra um lado batalhador, nada passivo<sup>22</sup>”. Tal afirmação corrobora diretamente este estudo, em que na escola pública, observa-se que quatro das cinco entrevistadas possuem o uso da leitura e escrita no trabalho, nota-se maior exigência nos empregos formais.

**A categoria VI – Material de Leitura e Escrita em Casa (Gêneros)** – apontou os materiais de leitura e escrita existentes no lar das entrevistadas. Na escola pública, todas as entrevistadas alegaram possuir materiais de leitura, sobre os materiais

de escrita três entrevistadas alegaram possuí-los. Os gêneros de leitura citados foram: livros, gibis, revistas para adulto. As entrevistadas mencionaram os seguintes materiais de escrita: revistas para colorir, caderno, livro, gibi e computação.

Na escola privada, quatro entrevistadas afirmaram ter material de leitura em casa e uma negou. Os gêneros de leitura citados foram: livros, livros infantis e livros espirituais. Os materiais de escrita mencionados foram: caderno, caixa com materiais para as crianças brincarem, revista para colorir, gibi.

Essa categoria carrega uma simples, mas importante avaliação de detalhamento dos materiais disponíveis no dia-a-dia das entrevistadas e de seus filhos, e que podem de certa forma, contribuir para o contato com as práticas letradas.

Os dados apresentados se mostraram similares aos resultados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil<sup>14</sup>. Os gêneros de leitura e escrita seguiram nessa ordem: - revistas, jornais, livros, histórias em quadrinhos, textos escolares, textos na *internet* e textos de trabalho. Porém, ao se comparar a pesquisa com a Retratos da Leitura no Brasil<sup>13</sup> anterior, constata-se o aumento da média de 25 para 34 livros por residência. A medição desses indicadores, segundo a pesquisa, pode possibilitar uma extraordinária contribuição à reflexão. A avaliação e a orientação de ações mais efetivas nas áreas de Educação e Cultura, para melhorar os indicadores de leitura e de acesso ao livro da população são fundamentais para conquistar melhores posições nas ações sobre Educação.

A categoria **VII - Hábito de Contação de Histórias para o Filho (tipos e frequência)** - abrangeu o hábito das mães em contar histórias para o filho, os tipos de histórias contadas e a frequência com que ocorriam.

Na escola pública, três entrevistadas contavam histórias para o filho e duas não contavam. Os tipos de histórias citados pelas mães entrevistadas foram: histórias pessoais, histórias infantis, contos de fada e gibi e uma entrevistada mencionou cantar músicas infantis. Sobre a frequência, as entrevistadas alegaram: diariamente, esporadicamente e duas entrevistadas negaram o hábito de contar histórias para o filho.

Na escola privada, quatro entrevistadas diziam ter o hábito de contar histórias, uma destas, além de contar, inventava as histórias; somente uma negou.

Os tipos de histórias citados foram diversos: histórias para dormir; história inventada; histórias infantis histórias pessoais e uma entrevistada mencionou que seu filho definia o tema. Em relação à frequência, referiram: diariamente; esporadicamente; quando a criança demorava a dormir; duas vezes por semana e uma entrevistada negou o hábito de contar histórias para o filho.

Já na escola pública, três entrevistadas contavam histórias para o filho. Os gêneros de histórias coincidiram com as mães de escola privada, pois mencionaram histórias infantis e contos de fada.

A diferença nessas duas realidades foi que na escola privada as entrevistadas criavam as histórias, enquanto na escola pública liam gibis, livros infantis e contavam histórias pessoais, o que também acontecia na outra realidade, porém em menor proporção.

Na categoria **VIII – Valor da Leitura e da Escrita** – notou-se o valor que davam à leitura e à escrita na vida de seu filho. Na escola pública, três entrevistadas atribuíram valor à leitura e à escrita na vida dos filhos e as outras duas não consideraram importante, devido a idade das crianças, pois acreditavam que estes ainda eram pequenos e não entenderiam. Na escola privada, três entrevistadas consideraram muito importante; uma entrevistada compreendia a importância e a outra citou que mesmo sem seu apoio, seu filho mostrava interesse.

A similaridade encontrada entre a escola pública e a escola privada enfatiza o valor dado à leitura e à escrita, bem como a importância do contato da criança com práticas letradas. Entretanto, na escola privada, o valor dado a esse contato foi relevante à medida que quatro das entrevistadas afirmaram tal fato, e na outra, três das entrevistadas confirmaram essa importância.

Na categoria **IX – Interesse do Filho pela Leitura e pela Escrita** – observou-se que na escola pública, uma entrevistada relatou a falta de interesse do filho, pelo fato dele ainda ser pequeno; apenas quando a irmã mais velha oferecia materiais de leitura e escrita a criança apresentava interesse. As outras quatro entrevistadas consideraram que seus filhos se interessavam pela leitura e escrita.

Na escola privada, uma entrevistada relatou a falta de interesse do filho pela leitura e escrita; outra entrevistada afirmou que o filho tinha o hábito; duas entrevistadas relataram que os filhos não sabiam ler

e uma entrevistada reconheceu o interesse do filho, maior que o dela. Assim, a maioria das entrevistadas considera que os filhos se interessavam pela leitura e escrita.

Na afirmativa das quatro entrevistadas da escola pública e das quatro mães da escola privada que consideraram que seus filhos se interessavam pela leitura e escrita, nota-se um reconhecimento da preocupação da mãe em perceber os interesses do filho e sua atenção à reação da criança em ir ao encontro das práticas letradas.

Por outro lado, o fato da criança se interessar permite a expectativa de que o trabalho da escola possa ser facilitador e complementado por atitudes dessa natureza.

A categoria **X – Formas de Incentivo à Leitura e à Escrita** - registrou as maneiras que as mães utilizavam para incentivar a leitura e a escrita aos filhos.

Na escola pública, quatro entrevistadas incentivavam esse contato e uma entrevistada referiu não incentivar. Esse incentivo se dava por meio de: compra de livros; conversas que abordavam esse tema; incentivando e permitindo o contato com livros, revistas, gibis e panfletos.

Na escola privada, três entrevistadas incentivavam o contato da criança com a leitura e a escrita; duas entrevistadas referiram não incentivar. Nessa realidade, o incentivo ao contato com as práticas letradas ocorria do seguinte modo: compra de livros e o filho escolhia o que queria ler; oferecia caixa de livros e caixa com materiais para desenhar e pintar; e contava histórias para a criança sobre quando era bebê, oferecia DVDs e a presenteava com livros; oferecia algum material escrito ao filho quando ele pedia e o deixava à vontade para usá-lo; não realizava eventos que incentivassem o filho, pois para ela essa tarefa caberia à escola.

A diferença entre as entrevistadas da escola pública e da escola privada, nessa categoria, foi reveladora, pois foi na escola pública que se constatou o maior número de entrevistadas que incentivavam os filhos para o contato com a leitura e a escrita. Isto se deve ao fato de que a leitura e a escrita e o grau de escolaridade podem alavancar a ascensão social. Houve um relato relevante de uma dessas mães, que conversava com seus filhos a respeito da leitura/escrita e escola, pois considerava que ler, aprender e estudar possibilitaria para

suas crianças, no futuro, melhores oportunidades de vida e melhores empregos.

Notou-se que na escola privada o número de mães que incentivavam o contato dos filhos com a leitura e a escrita foi menor que na escola pública. Uma das mães entrevistada delega à escola esse papel de incentivadora da leitura, não assumindo o próprio papel fundamental para despertar o desejo e o prazer por essa prática.

## Discussão

Diante da possibilidade de uma reflexão e avaliação dos resultados apresentados às inquietações relatadas tanto no objetivo, como em todo o decorrer deste estudo, cabe destacar duas questões que tornaram-se latentes, a partir da realidade estudada, e, que ainda permanecem em cena. Estas, a seguir:

- 1) O que pode ser aperfeiçoado tanto em relação às práticas de letramento das mães, quanto ao incentivo que estas podem dispor aos seus filhos?
- 2) Como identificar ações efetivas no fomento à leitura?

A discussão sobre as semelhanças e diferenças das práticas de letramento de mães de crianças de Educação Infantil de escola pública e de escola privada se faz proponderante ao tema letramento que em crescente interesse científico avança cada vez mais com novas tendências e possibilidades para imersão dos sujeitos nessa prática social. Essa pesquisa traz para o debate questões amplas, que não se esgotam neste artigo e que requerem continuidade e aprofundamento dos temas abordados e atenção para as problemáticas envolvidas.

Nas realidades socioeconômicas e culturais menos favorecidas, o quadro que se configura ainda é de práticas de letramento mais restritas. No entanto, os dados coletados das entrevistas nessa pesquisa mostram que há, por parte dessa população, um reconhecimento de que a leitura e a escrita podem promover a ascensão social e diminuir o estigma do analfabetismo. Nessa direção, quanto maior é o nível de escolaridade, mais refinadas se tornam as práticas de letramento. Isto se justifica na medida em que tanto as mães de crianças de escola pública quanto as mães de escola privada que possuíam formação em educação superior apresentaram mais refinamento em suas práticas a leitura e a escrita, considerando entretanto, a exceção de uma entrevistada, funcionária da escola

privada, que não pertencia a essa realidade socioeconômica. No presente estudo, o fato de que todas as entrevistadas discorreram sobre a importância da leitura e da escrita para a vida e para a existência de seus filhos no mundo ponderando as como um fator de ascensão social e destacando a escolaridade como algo que poderia gerar mais possibilidades e oportunidades, é endossado por uma sociedade altamente letrada, em que a leitura e a escrita são fundamentais nas relações sociais, de trabalho, do homem com o homem e do homem com o mundo<sup>8</sup>.

A respeito das dez categorias levantadas pode-se discutir aspectos relevantes sobre a incidência de mulheres casadas que residiam com seus maridos. Na escola pública, quatro entrevistadas viviam com seus maridos, enquanto que na escola privada, apenas uma mãe era casada e vivia com seu marido. As entrevistadas da escola privada contavam com o apoio financeiro de suas famílias primárias e o casamento não se tornou imprescindível para a sustentabilidade do filho. Entretanto, as mães entrevistadas de escola pública apresentaram uma outra realidade: a manutenção do casamento poderia ser um caminho de sobrevivência da família, diante da somatória possível de rendas, conforme mencionado anteriormente<sup>13</sup>.

Sendo assim, de acordo com os dados coletados presume-se que a independência das entrevistadas da escola privada, a respeito de relacionamentos como o casamento, possa estar ligada também ao apoio que recebem de suas famílias, pois em geral, as famílias atuais passaram a ter mais avós e netos, e, as mudanças que têm ocorrido no seu interior, quanto à sua forma de organização e níveis de reprodução, têm sido observadas e apontam para uma diversidade maior em relação aos tipos de famílias. Assim, os arranjos familiares são menos tradicionais; cresceu o número de uniões consensuais e aumentou a ocorrência de famílias monoparentais femininas<sup>15</sup>. Contudo, segundo comparação das amostras do Censo, no período intercensitário 2000/2010 revela uma melhora geral do nível de escolaridade, especialmente em relação aos níveis de ensino médio e superior no gênero feminino. Os motivos para esse aumento podem ser creditados a uma mudança de valores culturais relativos ao papel da mulher na sociedade brasileira, principalmente por seu ingresso maciço no mercado de trabalho<sup>15</sup>.

Em relação ao hábito de leitura, observou-se que a proporção foi semelhante nas duas realidades,

tanto na escola pública quanto na escola privada em que quatro entrevistadas apresentavam hábito de leitura, variando a frequência. Os gêneros de leitura foram similares e estavam ligados aos interesses do gênero feminino, como no desempenho de seus papéis de donas de casa, se interessavam por leituras de receitas, entre outros. No papel de mãe, a mulher buscava informações nas bulas de remédios para seus filhos.

Na escola pública, todas as entrevistadas apresentaram hábito de escrita; na escola privada quatro referiram que possuíam essa prática. Foi identificado que os gêneros de escrita mais comuns a essas realidades eram: lista de compras, bilhetes e cartas - novamente atrelados aos interesses do gênero feminino.

É relevante apontar o papel da escola na promoção do interesse pela leitura e escrita. Nesse sentido, constatou-se que uma das entrevistadas da escola pública e uma da escola privada outorgam à escola como marco inicial do interesse pela leitura e escrita. Outras entrevistadas atribuíram aos pais esta responsabilidade dissertando sobre a importância do papel destes como incentivadores. Portanto, quando se debruça sobre a influência que os pais desempenham no desenvolvimento de seus filhos e sobre suas habilidades de leitura e escrita, o pesquisador vê-se arremessado às heranças que passam de geração a geração, evidenciando os valores que estas gerações assumem para sua existência. De acordo com estudo revisado, “o letramento não depende exclusivamente da escolarização, mas, sobretudo, da participação em práticas sociais de leitura e de escrita, em contextos e instituições dentro dos quais elas adquirem sentido<sup>24:67</sup>”.

Para autores apoiados na teoria walloniana “dos 3 aos 6 anos o apego às pessoas é uma inextinguível necessidade para a pessoa da criança”. Não só a necessidade do outro é intensa, como os cuidados dedicados pelo outro são fundamentais<sup>23:206</sup>. A privação desses cuidados pode provocar “atitudes duradouras de insatisfação que podem marcar, não de maneira irrevogável, mas de maneira prolongada, o comportamento da criança nas suas relações com o meio que a rodeia<sup>24:210</sup>”. O autor destaca, nesta fase, um apego especial às pessoas da família, embora considere que, mesmo ao ingressar na escola e experienciar uma diversidade de relações sociais, a dependência da criança em relação ao outro ainda se prolonga no início do *estágio categorial*, que vai dos 7 aos 11/12 anos.

Assim, considerando que os pais têm como valor a importância da leitura e escrita, logo irão passar esses valores para os seus filhos, colocando-se como seus maiores incentivadores. O mesmo se dá com as categorias selecionadas quanto a: hábito de contação de histórias, valor que dá a leitura e escrita na vida de seus filhos, interesse que o filho manifesta pela leitura e pela escrita e formas de incentivo, considerados pela mãe em relação à leitura e escrita de seu filho. Essas categorias retrataram, de alguma forma, tais valores assumidos pela sociedade. A concepção materna de que os filhos eram muito pequenos para usufruírem do valor da leitura e escrita assenta-se na premissa, até recentemente vigente, de que a criança só poderia iniciar o seu processo de aprendizagem da leitura e escrita aos 7 anos, idade de ingresso no primeiro ano do ensino fundamental. No momento de coleta de dados desta pesquisa ainda era comum a ideia de que antes dessa idade as crianças não estariam maduras para essa aprendizagem<sup>5</sup>.

Enfatiza-se aqui o que a mãe da escola pública relatou depois de considerar que o filho não se interessava pela leitura e pela escrita, alegando que a criança era pequena. Isto remete à ideia de que, talvez, faltasse um pouco mais de incentivo, pois a criança demonstrava interesse quando observava a irmã mais velha com algum material de leitura e escrita. Considera-se que para mães de condição sociocultural e econômica mais baixa, prevaleça o conceito de que exista uma idade específica para a criança se interessar pela leitura e escrita, e isso se inaugura quando ela ingressa na escola. Nessa direção, para se formar leitores, o formador deve ter desejo e apreço pela leitura. E postula-se que a leitura se baseia no desejo e no prazer. É no aconchego do lar, ouvindo a mãe ler e contar histórias antes de dormir, que a criança vai se interessando e se motivando pela leitura, descobrindo mundos, fantasias, sonhos que emergem daquelas páginas. É nesse momento, que o desejo e o prazer se instalam na criança. No entanto, nem toda criança conta com uma mãe interessada pela leitura e que transmita esse desejo e prazer ao contar histórias para seu filho. E esses são os primeiros passos para o desenvolvimento do leitor<sup>2</sup>.

Os dados da última pesquisa sobre os Retratos da Leitura no Brasil apontaram que 64% dos entrevistados concordaram plenamente com a afirmação “Ler bastante pode fazer uma pessoa ‘vencer na vida’ e melhorar a sua situação socioeconômica”,

e ser uma “fonte de conhecimento para a vida”, confirmando a importância atribuída à leitura pelas entrevistadas, tanto da escola pública, como da escola privada<sup>14</sup>.

Ainda segundo os dados da pesquisa, tais informações parecem configurar um ambiente em que a leitura não é socialmente valorizada, em que o livro não tem um lugar assegurado. No que diz respeito às práticas familiares de leitura, nos lares dos não-leitores, 55% nunca teriam visto seus pais lendo. Isto é extremamente significativo, se considerarmos que a maior influência para a formação do leitor vem dos pais (principalmente das mães). No entanto, ainda segundo essa pesquisa, dado o quadro de que 23% dos pais dos entrevistados não têm instrução alguma, 23% cursaram até a 4ª série do ensino fundamental, 15% têm fundamental incompleto, enquanto as mães sem qualquer escolaridade são 26%, 22% fizeram até a 4ª série e 16% têm fundamental incompleto, torna-se muito difícil a apropriação do valor da leitura pela família<sup>14</sup>.

Para além da cobrança da escola contemporânea em alfabetizar, observa-se que, atualmente, famílias com maior nível de experiências letradas tem promovido esse contato da criança com a leitura e a escrita, de modo que grande parte das crianças tem ingressado na Educação Infantil já alfabetizada. Se por um lado, leem mais aqueles que pertencem às classes sociais privilegiadas, por outro, se tem o movimento das políticas públicas na distribuição gratuita de livros a escolas e o abastecimento de bibliotecas que se mostram insuficientes para incidir significativamente sobre os números dessas estatísticas<sup>14</sup>.

Na questão da escola como uma agência fomentadora da leitura e da escrita, os pais são mencionados como os primeiros agentes da descoberta e interesse de seus filhos pela leitura e pela escrita, enquanto a escola também desempenha esse papel de agente facilitador do interesse e da importância dessa relação da leitura e da escrita em suas vidas. É sabido que a escola é centro de formação de leitores, com o respaldo do professor, de sua atuação e métodos de estímulo; na pesquisa Retratos da leitura no Brasil é confirmada que a mãe que lê para os filhos exerce influência fundamental para que estes sejam futuros leitores. Constata-se que à medida que os leitores deixam de ser alunos, o índice de leitura diminui de maneira drástica<sup>14</sup>.

Durante as entrevistas foi possível notar manifestações de sensações e sentimentos das

entrevistadas face à leitura e à escrita, tais como: emoção, esperança, possibilidade de ascensão social, impaciência, prazer, desconforto, entre outros. Nesse sentido, corroborando com estes achados<sup>24</sup>, a literatura refere que a vida afetiva constitui-se a partir de um intenso processo de sensibilização<sup>23,263</sup>. Muito precocemente a criança sente-se atraída pelas pessoas que a rodeiam, tornando-se sensível aos pequenos indícios da disponibilidade do outro, em relação a si própria. Nessa teoria, *o poder de contágio das emoções* refere-se à tendência de propagação destas. Os adultos, no convívio com crianças, estão permanentemente expostos a um *contágio emocional*, e vice-versa<sup>23:268</sup>.

### Conclusão

Considerando que é na família que as crianças vivem suas primeiras práticas letradas, os resultados aqui apresentados, construídos segundo perfil das mães de crianças de Educação Infantil de escola pública e escola privada, possibilitaram uma avaliação sobre o comportamento destas frente a uma discreta, mas, preponderante percepção de suas práticas letradas ao discutir sobre suas preferências, e até motivações que as levam ao contato com a leitura e a escrita. E como isto influencia na relação com seus filhos. Espera-se assim que este estudo possa subsidiar outras pesquisas e promover o debate sobre os avanços e os impasses que estes resultados revelaram, além da possibilidade de aprimorar indicadores que evidenciem a importância da participação das mães no contato de seus filhos com o mundo da leitura e escrita.

Acredita-se que conhecer o perfil e o comportamento dessas mães entrevistadas é a ferramenta para se identificar ações efetivas na formação e ampliação de leitores para o futuro. Quando se compreende o letramento como algo para além das práticas escolares, faz-se necessário entender como funcionam os processos de produção de conhecimento dos sujeitos e a contribuição que estes poderão dar para a construção de um país de leitores. Porém, para fomentar tais perspectivas há de se convir que sejam criadas condições para o acesso e o despertar do interesse pelo livro, pelo simples fato de que não basta somente investir sem que o leitor não seja cativado. Foi possível constatar a importância do papel da mãe na relação da criança com a leitura e a escrita, que pode motivá-lo e envolvê-lo, ou não, nesse contato.

### Referências Bibliográficas

1. Kleiman A. Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras; 1995.
2. Kleiman A. Oficina de leitura: teoria e prática. 15ª Ed. Campinas: Pontes Editores; 2013.
3. Tfouni LV, Monte-Serrat DM. Letramento: isso se aprende na escola? Taubaté: Rev. Caminhos em Linguística Aplicada. 2013; 9(2): 169-87.
4. Soares M. Letramento: Um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica; 2001.
5. Soares M. Alfabetização e letramento na educação infantil. Porto Alegre: Pátio Educação Infantil. 2009; VII(20): 6-9.
6. Freire P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 28ª edição. São Paulo: Paz e Terra; 2003.
7. Freire P. A Importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 51ª. ed. São Paulo: Cortez; 2011.
8. Freire P. Pedagogia do oprimido. 56ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2014.
9. Instituto Paulo Montenegro. Indicador de alfabetismo funcional (INAF) 2007 mostra a evolução da educação no Brasil [online]. São Paulo, Brasil, 2007; [acesso em julho de 2011]. Disponível em: [http://www.ipm.org.br/ipmb\\_pagina.php?mpg=4.01.00.00.00&ver=por](http://www.ipm.org.br/ipmb_pagina.php?mpg=4.01.00.00.00&ver=por).
10. Santos RRP, IFA S. O letramento crítico e o ensino de inglês: reflexões sobre a prática do professor em formação continuada. São Paulo: the ESPEcialist. 2013; 34(1): 2-23.
11. Kleiman A, Vóvio CL. Letramento e alfabetização de pessoas jovens e adultas: um balanço da produção científica. Campinas: Caderno Cedes Campinas. 2013; 33(90): 177-96.
12. Vygotski SL, Luria RA, Leontiev NA. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone; 2001.
13. Braz MP, Dessen MA, Silva NLP. Relações conjugais e parentais: uma comparação entre famílias de classes sociais baixa e média. Porto Alegre: Psicologia: Reflexão e Crítica, 2005, 18(2): 151-61.
14. Instituto Pró-Livro. Retratos da leitura no Brasil. 3ª ed. São Paulo, Brasil, 2012; [acesso em outubro de 2014]. Disponível em: [http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/2834\\_10.pdf](http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/2834_10.pdf).
15. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico 2010 famílias e domicílios. Resultados da amostra. Brasil, 2010. [acesso em: 2014 jun 03]. Disponível em: [ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo\\_Demografico\\_2010/Familias\\_e\\_Domicilios/censo\\_fam\\_dom.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Familias_e_Domicilios/censo_fam_dom.pdf). <http://censo2010.ibge.gov.br/resultados>
16. Zorzi DS, Guadagnoli CF, Novalo E. O processo de letramento: investigação e proposta de trabalho em instituições públicas. [Relatório Final de Iniciação



Científica]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2003.

17. Ferrari FM. A população atendida pelo setor de fonoaudiologia em UBSs: Perfil do letramento e propostas de ação. [Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Fonoaudiologia]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2001.

18. Bardin L. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70; 2004.

19. Freitas MT. Letramento digital e formação de professores. Belo Horizonte: Educação em Revista, 2010; 26(03): 335-52.

20. Souza, VVS. Letramento digital e formação de professores. Revista Língua Escrita, 2007; (2): 55-69.

21. Serim F. The importance of contemporary literacy in the digital age: A response to digital transformation: A framework for information communication

technologies (ICT) literacy. [online]; 2002. Disponível em [http://web.british.edu.uy/Senior\\_Library/Library-Info/recommendations/contemporary\\_literacy.htm](http://web.british.edu.uy/Senior_Library/Library-Info/recommendations/contemporary_literacy.htm)

22. Jornal o Estado de São Paulo. Entrevista de Fernando Dantas à especialista da Fundação Getúlio Vargas. Como o Brasil virou o país da classe C. São Paulo, Brasil, 21/03/2012. [online] [acesso em jul 2014]. Disponível em: <http://www.cps.fgv.br/cps/bd/clippings/oc460.pdf>

23. Tassoni ECM; Leite SAS. Afetividade no processo de ensino-aprendizagem: as contribuições da teoria walloniana. Porto Alegre: Educação, 2013; 36(2): 262-71.

24. Fritzen MP. Reflexões sobre práticas de letramento em contexto escolar de língua minoritária. São Paulo: Delta, 2011; .27(1): 63-76.

## ANEXO

Nome: \_\_\_\_\_

Data de Nascimento: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Estado Civil: \_\_\_\_\_

• Como sua família é composta?

\_\_\_\_\_

• Quem mora na sua casa? O que cada um faz? (profissão)

\_\_\_\_\_

• Você estudou até que série? Há quanto tempo parou de estudar? Ainda estuda e o que estuda?

\_\_\_\_\_

• Utiliza a leitura / escrita como lazer?

\_\_\_\_\_

• Tem hábito de ler e escrever? Em que situações costuma ler / escrever?

\_\_\_\_\_

• Com que frequência utiliza a leitura / escrita? (Diariamente, semanalmente, mensalmente)

\_\_\_\_\_

• Em que situações? (em casa / no trabalho / na comunidade / na igreja)

\_\_\_\_\_

• O que costuma ler / escrever? ( jornal / revista / bíblia/ panfleto de propaganda / bula de remédios/ receitas / livros/ bilhetes/ gibi / internet )

\_\_\_\_\_

• O que você costuma escrever?

Carta	( )	Lista de compras	( )
Bilhete	( )	Diário	( )
Receita	( )	E-mail	( )
Histórias	( )	Outros	( )





**Quais?**

- **Você trabalha? Em que você trabalha?**

---

- **Seu trabalho exige que você leia? Se exige, o que costuma fazer? Por quê?**

---

- **Seu trabalho exige que você escreva? Se exige, o que costuma fazer? Por quê?**

---

- **Quando você está em casa, costuma ler ou escrever? O quê? Por quê?**

---

- **Você tem material de leitura ou de escrita na sua casa? O quê? Quem utiliza?**

---

- **Você conta histórias orais para seu filho?**

Sim ( ) Não ( )

- **Que tipo de histórias você conta?**

( ) Histórias pessoais de vida

( ) Histórias de fada

( ) Histórias infantis diversas

**Dê exemplos:**

---

- **Com que frequência?**

---

- **Qual a importância você dá ao contato de seu filho com a leitura e a escrita?**

---

- **Você acha que seu filho se interessa pela leitura e pela escrita, mesmo que ainda não saiba ler e escrever?**

---

- **O que você faz para que seu filho tenha hábitos de leitura e escrita?**

---